

DELEUZE, KEROUAC E AS RELAÇÕES ENTRE CORPO E PENSAMENTO

Daniel de Souza Lopes*

Resumo

Para o filósofo francês Gilles Deleuze, o elemento do pensar não é o verdadeiro, mas o sentido e o valor. O pensamento, por sua vez, não é exclusividade da filosofia, as ciências, as artes, o cinema e a literatura também pensam, mas, enquanto a filosofia pensa por meio de conceitos, as artes pensam por afectos e perceptos. O pensamento de Deleuze se aproxima da literatura na mesma medida em que se distancia da filosofia da representação. Para tal filosofia, o elemento do pensar é o verdadeiro, que se desvelaria por meio de um método adequado, capaz de afastar o erro que aqui é relacionado ao corpo e às paixões. A arte não se preocupa com a verdade, assume-se como invenção, criação de sentido. Desde seus primeiros textos, Deleuze já busca esta aproximação da literatura como forma de combater a imagem dogmática do pensamento. Em *Proust e os signos*, Deleuze opera uma crítica à filosofia da representação por meio do romance *Em busca do tempo perdido*. O plano de imanência de uma filosofia é a imagem que ela faz do que é o pensamento. Para a imagem dogmática, pensar se limita à reminiscência e à reconhecimento, para Deleuze, pensar é parir o novo, o extemporâneo. Este trabalho partirá da crítica deleuziana à imagem dogmática do pensamento, que tem como contrapartida uma apologia da arte enquanto lugar onde a criação parte do corpo e onde a verdade é uma construção de sentido não uma questão de reminiscência ou de reconhecimento. Desta maneira, a partir da análise do personagem Dean Moriarty, do romance *On the road*, de Jack Kerouac, procuraremos estabelecer pontos de convergência entre a obra romanesca do autor norte-americano e a filosofia de Gilles Deleuze.

Palavras-chave: Deleuze, Kerouac, beat, corpo, pensamento.

Introdução

O presente trabalho pretende analisar as relações entre corpo e pensamento, tendo por parâmetro a obra de dois autores que despontaram na segunda metade do século XX, o filósofo francês Gilles Deleuze e o romancista norte-americano Jack Kerouac.

* Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, mestrando do curso de Filosofia,
danielopes26@yahoo.com.br

O maior esforço impetrado pela filosofia de Gilles Deleuze, pelo menos até a publicação de *Diferença e Repetição*, foi o de pensar a diferença em si mesma, sem submetê-la à primazia da identidade. A filosofia da diferença, para Gilles Deleuze, é composta a partir da apreensão da diferença como virtualidade positiva e imanente em contraposição a toda filosofia da representação que busca submeter a diferença a algum outro conceito. Em Aristóteles, por exemplo, a diferença é submetida à quadrupla raiz da identidade, da analogia, da oposição e da semelhança. Contra os filósofos da representação, Deleuze volta, em primeiro plano, sua interpretação muito particular de Nietzsche. Claro, há outros filósofos que podem ser considerados aliados, como Espinosa e Bergson, mas é sem dúvida por meio de Nietzsche e sua crítica da verdade que Deleuze afirma a diferença e constrói uma crítica contundente à imagem dogmática do pensamento.

De maneira resumida, a imagem dogmática do pensamento caracteriza-se por três aspectos: 1º - O filósofo busca sempre a verdade. 2º - O corpo é um empecilho para o encontro da verdade. 3º - É preciso um método eficiente para chegar à verdade. Ora, tanto para Nietzsche quanto para Deleuze, a verdade é uma construção, uma realização de valor e existem valores nobres e vis, valores do senhor e do escravo. Quanto ao corpo, ele é o meio pelo qual pensamos, não um empecilho. Só se pode pensar por meio do corpo. Alma é o nome de algo no corpo. A contrapartida à filosofia que busca a verdade é uma aproximação da Arte. A arte não se preocupa com a verdade, mas com a criação e é por isto que cria novos valores, por isto toca o extemporâneo, o irreconhecível

No primeiro capítulo deste trabalho, analisaremos de que modo Nietzsche, o maior aliado deleuziano, opõe-se a Platão, talvez o maior nome da filosofia da representação, no que se refere às relações entre corpo e pensamento. No segundo capítulo, veremos que, para Deleuze, o corpo não é um obstáculo, nem um aliado do filósofo para chegar à verdade. Aqui a própria verdade é criticada. Para a imagem dogmática, a verdade é um universal abstrato ligado à ideia do Bem. Tanto para Deleuze, quanto para Nietzsche, é uma criação de valor. Em vez de busca da verdade, Deleuze opera uma aproximação à arte o que nos leva ao terceiro capítulo, no qual analisaremos as relações entre corpo e pensamento, principalmente por meio da personagem Dean Moriarty, na obra de Kerouac. O arco é longo, mas há um elo entre os três capítulos: as relações entre corpo e pensamento.

1. Nietzsche, Platão: alma-corpo, alma ou corpo

“ – Críton, nós somos devedores de um galo a Asclépio. Pois bem, paga a minha dívida, não o esqueças.” (PLATÃO, 2002, p.107)

No diálogo *Fédon*, de Platão, consta que as palavras acima foram as últimas proferidas por Sócrates antes de morrer. O sentido da frase é claro e concorda com todo o diálogo: Sócrates sente que sua alma, finalmente, está curada do mal que representa a união com o corpo. A gratidão de Sócrates é, pois, destinada ao deus que restabeleceu sua saúde: Asclépio.

Para Sócrates, a morte iminente não foi vista como algo a se temer; pelo contrário, segundo o filósofo, não existiria coisa mais absurda que o medo da morte por parte de um pensador, já que a todo instante o corpo leva o filósofo a enganar-se, conduzindo-o contra a maré da verdade. Segundo Sócrates, no diálogo, todos os nossos sentidos não são partes constitutivas da alma, mas do corpo e, como tal, também nos ludibriam, não nos deixam encontrar a verdade. Apenas o desprendimento do corpo poderia levar o filósofo ao verdadeiro conhecimento, uma vez que assim ele, filósofo, não mais estaria atrelado às paixões terrenas, não haveria mais fome, cansaço, sede ou desejo sexual. De acordo com essa visão, que começa com Platão, mas que perpassa todo o cristianismo e mesmo a visão positivista do século XVIII, e que, séculos mais tarde Gilles Deleuze chamará de imagem dogmática do pensamento, não há maior inimigo do filósofo que o corpo e seus sentidos. Nas palavras de Sócrates:

- E, agora, no que diz respeito propriamente à aquisição do conhecimento, o corpo, diga-me, é ou não um entrave, se nas nossas indagações pedirmos o seu concurso? Penso, por exemplo, nisto: os olhos e os ouvidos fornecem alguma verdade ao homem ou, então, como mesmo os poetas nos repetem continuamente, nós não ouvimos nada, não vemos nada exatamente? Portanto, se entre os sentidos do corpo, os olhos e os ouvidos são inexatos e incertos, não se poderia esperar coisa melhor dos outros, todos inferiores, penso àqueles.” (PLATÃO, 2002, p. 28)

Sob tal perspectiva, o filósofo só pode, pois, alegrar-se com a vinda da morte. Uma vida dedicada ao exercício da contemplação filosófica verá a morte como aliada, uma vez que ela significaria a libertação da alma do cárcere do corpo. Repete-se assim a afirmação: somos devedores de um galo a Asclépio!

Contra a sentença derradeira de Sócrates, poderíamos opor uma outra, proferida por Zarathustra no capítulo *Dos desprezadores do corpo*, de *Assim falou Zarathustra*. Da

mesma maneira que Platão coloca a sentença contra o corpo na boca de sua principal personagem conceitual: Sócrates; também Nietzsche coloca palavras que poderiam resumir sua filosofia, no que se refere à questão do corpo, na boca de sua principal personagem conceitual: Zaratustra. Diz o sábio persa:

“Eu sou todo corpo e nada além disso; e alma é somente uma palavra para alguma coisa no corpo.” (NIETZSCHE, 2003, p.60)

Para Nietzsche, não há divisão entre corpo e alma. Pensamos com o corpo, meio pelo qual estamos abertos ao mundo. A alma é a designação de alguma coisa no corpo. De maneira poética, Fernando Pessoa, por meio do heterônimo Alberto Caeiro, poderia assim descrever tal fórmula nietzschiana:

Sou um guardador de rebanhos,
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

O que Nietzsche nos propõe não é simplesmente pensar com o corpo. A ideia é mais radical. Para o filósofo alemão, é impossível pensar fora do corpo, é o corpo quem pensa. A alma é o nome de algo no corpo. Mas, afinal, o que é um corpo? Resposta: um corpo é uma relação de forças. Vejamos de que se trata quando dizemos relação de forças.

Segundo Deleuze, no livro *Nietzsche e a filosofia*, em se tratando da questão do corpo, Espinosa foi o primeiro a colocar a questão essencial, nos seguintes termos: “Ninguém, na verdade, até ao presente, determinou o que pode um corpo, isto é, a experiência não ensinou a ninguém, até ao presente, o que considerado apenas como corporal pelas leis da natureza, o corpo pode fazer e o que não pode fazer” (Ética, livro III, proposição II, escólio). Pelas leis da natureza, significa para Deleuze, a recusa de pensar o corpo a partir de qualquer categoria ou noção transcendental e a necessidade de pensá-lo no jogo de suas relações, de seus encontros. Não tomar o corpo como uma substância isolada, atemporal, mas fazê-lo percorrer e ser percorrido pelas forças que entram em contato com ele compondo-o e decompondo-o. Se Espinosa foi o primeiro a colocar a questão, Nietzsche foi quem a incendiou, quem a encheu de paixão. Em sua leitura de Nietzsche, Deleuze nos conclama a tomar a consciência pelo que ela é: um sintoma. Sintoma de uma transformação mais profunda e da atividade de forças que não

são de ordem espiritual. Deleuze coloca a pergunta: que é a consciência? Assim como Freud, Nietzsche pensava a consciência como a região do eu afetada pelo mundo exterior. No entanto, a consciência é menos definida em relação à exterioridade do que em relação à superioridade, em termos de valores. Tal diferença é essencial numa concepção geral do consciente e do inconsciente. Segundo Deleuze:

Em Nietzsche, a consciência é sempre consciência de um inferior em relação ao superior ao qual ele se subordina ou incorpora. A consciência nunca é consciência de si, mas consciência de um eu em relação ao si que não é consciente. Não é consciência do senhor, mas consciência do escravo em relação a um senhor que não tem de ser consciente. Habitualmente a consciência só aparece quando um todo quer subordinar-se a um todo superior... A consciência nasce em relação a um ser do qual nós podemos ser a função. Este é o servilismo da consciência, ela atesta apenas a formação de um corpo superior. (DELEUZE, 1976, p.21)

À pergunta: o que é um corpo? Não podemos responder dizendo que o corpo é um campo de forças, um meio provedor disputado por uma multiplicidade de forças. O fato é que não há meio, nem campo de forças ou de batalha. Não existe quantidade de realidade. Toda realidade já é quantidade de força. O Cosmos nada mais é do que uma relação de tensão entre as forças. Toda força está em relação com outras, quer para obedecer, quer para comandar. O que define um corpo é a relação entre forças dominantes e dominadas. Quaisquer duas forças desiguais que entrem em relação já constituem um corpo. O corpo é um fenômeno múltiplo, composto por uma multiplicidade de forças irreduzíveis, sua unidade é a de um fenômeno múltiplo, o que Deleuze chama de unidade de dominação. É, pois, por isto que não se pode pensar fora do corpo, o pensamento nasce a partir das relações entre as forças. Não há um além das forças, não existe uma instância que fique imóvel, no além, observando as relações, doando o pensamento àquele que quer pensar e que tem boas intenções e um bom método. Em outras palavras, não existe transcendência. O pensamento é fruto do encontro de uma força com outra, de um corpo com outro, o que em *Proust e os signos* Deleuze chama de signo e, na sequência de sua obra, chamará simplesmente de acontecimento.

Voltemos ao *Fédon*, de Platão. Em meio às inúmeras críticas feitas ao corpo, a maior delas é que ele, o corpo, nos afasta da verdade, é um empecilho para que o filósofo alcance a verdade. Vejamos um exemplo:

Mas o pior de tudo é que quando o corpo nos permite, afinal, um pouco de tranquilidade, para nos voltarmos para um objeto qualquer de reflexão, as nossas indagações são novamente postas em desordem por este intruso, que nos atordoa, nos perturba e nos desconcerta, a ponto de nos deixar incapazes de distinguir a **verdade**. Ao contrário, já tivemos realmente a prova de que, se quisermos jamais saber de alguma coisa em sua pureza, teremos que nos separar do corpo e olhar com a alma em si mesma as coisas em si mesmas. (PLATÃO, 2002, p. 30)

Gilles Deleuze, sempre em consonância com Nietzsche, vai criticar não somente o desprezo do corpo, ou a visão do corpo como um entrave para aquisição da verdade. Deleuze critica a própria noção de verdade. No *Fédon*, Sócrates coloca o corpo como empecilho para chegar à verdade, mas, tanto Nietzsche, quanto Deleuze, constroem uma crítica também ao conceito de verdade. Tal crítica tem como contrapartida a valorização do corpo e uma apologia da Arte, enquanto lugar no qual o que importa é o sentido e o valor em vez de a verdade. Vejamos de que modo isto se dá.

2. Verdadeiro, falso e construção de sentido

A busca da verdade sempre foi a preocupação de muitos pensadores ao longo da história da filosofia. Para Gilles Deleuze não, a verdade nunca foi uma preocupação. Mais importante que a busca da verdade, seria a construção de sentido, principalmente porque o conceito de verdade sempre esteve ligado à representação e à imagem dogmática do pensamento. Deleuze relaciona aquilo que chama de imagem dogmática do pensamento a diversos filósofos, de Platão a Hegel, passando por Descartes e Kant. No terceiro capítulo de *Diferença e repetição* o filósofo francês, em oito postulados elenca, analisa e constrói uma crítica contundente aos fundamentos da imagem dogmática. De maneira resumida, a filosofia assim concebida teria três teses essenciais: 1º – O filósofo, enquanto pensador, quer e ama o verdadeiro. O pensamento, por seu turno, contém o verdadeiro que se desvela por meio do exercício natural e cooperativo das faculdades, supõe-se assim uma natureza reta do pensamento e o bom-senso universalmente partilhado. Pensar seria, aqui, o encontro com a verdade que se entrega ao pensador por meio de um método eficiente. 2º – O corpo, as paixões e os sentidos nos desviam do verdadeiro, são obstáculos ao pensamento. Induzem aquele que quer pensar ao erro, ao falso. Vimos o quanto Platão, por meio de Sócrates, deprecia o corpo. 3º – É preciso um método, para pensarmos bem e verdadeiramente. Deleuze encontra e expõe inúmeras falhas na filosofia assim concebida. Para o filósofo da diferença, talvez

nem sequer tenhamos pensado ainda. A imagem dogmática concebe o pensamento a partir da reminiscência e da reconhecimento. Para Deleuze, em consonância com Nietzsche, pensar é parir o novo, o irreconhecível, o extemporâneo; tem a ver com produção de sentido e não com a verdade:

Não há verdade que antes de ser uma verdade, não seja a efetuação de um sentido ou a realização de um valor. A verdade como conceito é totalmente indeterminada. Tudo depende do valor e do sentido do que pensamos. Temos sempre as verdades que merecemos em função do sentido daquilo que concebemos, do valor daquilo em que acreditamos. (DELEUZE, 1976, p. 49)

A verdade é, portanto, uma construção de sentido, seguindo os passos de Nietzsche, Deleuze percebe que muitas forças operam sobre a verdade. Ela é a realização de um valor e existem valores nobres e vis, valores do senhor e do escravo, valores de bom gosto e de mau gosto. A imagem dogmática do pensamento supõe que a verdade seja algo bom, um universal abstrato ligado à ideia do Bem, mas não existiriam verdades que são da baixeza? Para a filosofia da representação, que é o mesmo que a imagem dogmática, “A verdade aparece com uma criatura bonachona e amiga das comodidades, que dá sem cessar a todos os poderes estabelecidos segurança de que jamais causará a alguém o menor embaraço.” (DELEUZE, 1976, p. 49)

Certamente, a busca do verdadeiro nunca foi uma preocupação para Gilles Deleuze. Mesmo porque, como dissemos anteriormente, o verdadeiro não é o elemento do pensar, o elemento do pensar é o sentido e o valor:

As categorias do pensamento não são o verdadeiro e o falso e sim o nobre e o vil, o alto e o baixo, segundo a natureza das forças que se apoderam do próprio pensamento. Verdadeiro ou falso sempre temos a parte que merecemos: existem verdades da baixeza, verdades que são as do escravo. Inversamente, nossos pensamentos mais elevados levam em conta a influência exercida pelo falso; mais ainda, nunca renunciam em fazer do falso um alto poder, um poder afirmativo e artístico que encontre na obra-de-arte a sua efetuação, sua verificação, seu devir-verdadeiro. (DELEUZE, 1976, p.49)

Chegamos onde queríamos, Deleuze concede ao falso um alto poder, um poder afirmativo e artístico que encontra na obra de arte a sua efetuação, sua verificação seu devir-verdadeiro. Em seu esforço de pensar sem imagens e afirmar a filosofia da diferença, Deleuze se aproxima não só de filósofos como Nietzsche, Hume, Hegel e Espinosa, mas também de artistas como Francis Bacon e Cézanne, ou escritores como Proust, Céline, Kerouac e Artaud. Para Deleuze, a arte assume-se enquanto criação,

jamais teve qualquer compromisso com a ideia de verdade que a imagem dogmática do pensamento concebe e, justamente por isso, a arte está mais próxima do pensamento que toda a filosofia da representação. Que é pensar? Esta é uma questão central na obra de Deleuze, para o filósofo francês, não só a filosofia, mas também a arte e a ciência pensam, neste trabalho não trataremos da ciência, nosso foco é a arte, mais precisamente a literatura, e a filosofia. Segundo Deleuze, tanto a arte quanto a filosofia são atividades criadoras, ambas

“recortam o caos e o enfrentam, mas não é o mesmo plano de corte, não é a mesma maneira de povoá-lo; aqui constelação de universo ou afectos e perceptos, lá complexões de imanência ou conceitos. A arte não pensa menos que a filosofia, mas pensa por afectos e perceptos.

Isto não impede que as duas entidades passem frequentemente uma pela outra, num devir que as leva a ambas, numa intensidade que as codetermina.” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, P. 80-81)

Deleuze não enxerga a filosofia relacionada a conceitos como verdade ou moral. Em vez disso, aproxima a filosofia da arte. Também a filosofia é uma questão de gosto e se em *O que é a filosofia?* o filósofo, junto a Guattari, cria o conceito de gosto, que é a tripla faculdade do conceito ainda indeterminado, do personagem conceitual ainda nos limbos, do plano de imanência ainda transparente, para determinar a inclinação filosófica¹ é porque mais importante que o pensamento é aquilo que dá a pensar, e a arte se preocupa em dar a pensar. Mais importante que a verdade é a construção de sentido, e a arte se preocupa só com a construção de sentidos. Mais importante que a moral (e neste caso o que já vale por quase dois mil anos é a moral do escravo) é a beleza. O gosto é mais importante que a inclinação à verdade. Vejamos de que maneira o corpo como potência criadora surge na obra de um romancista norte-americano.

3. Kerouac e o corpo, ou o devir artista

Deleuze em sua crítica à imagem dogmática do pensamento aproxima-se da arte. No que se refere à literatura, é interessante notar que, em vez de se voltar unicamente para o cânone europeu, o filósofo se volta, sobretudo, para a literatura norte-americana. E se em suas obras trata de autores consagrados como Herman Melville, Deleuze não deixa também de observar o que estava acontecendo na literatura estadunidense na

¹ “Se se chama razão ao traçado do plano, imaginação à invenção dos personagens entendimento à criação dos conceitos, o gosto aparece como a tripla faculdade do conceito ainda indeterminado, do personagem ainda nos limbos, do plano ainda transparente. (DELEUZE, *O que é a filosofia?* p. 93)

segunda metade do século XX. Daí surge a possibilidade de nossa aproximação com Jack Kerouac, principal autor da chamada *beat generation*.

O romance *On the road*, principal obra do escritor Jack Kerouac, foi lançado em 1957 e em poucos meses se tornou um fenômeno de vendas, dando início a um novo segmento social, a cultura da juventude. Antes de 1957, ano de lançamento de *On the Road*, praticamente não havia cultura jovem. Ou se era adulto, ou se era criança e, mesmo a criança, era enxergada como um adulto pequeno. Depois de 1957–58, anos de James Dean, do primeiro disco de Elvis Presley e do livro de Kerouac, o mundo observou atônito a explosão do *Rock n' Roll*, da contracultura, o surgimento de Bob Dylan, Beatles e Rolling Stones, a exibição em tela grande de *Easy rider*, enfim a formação de um novo segmento social. Como escreveu Deleuze em seu livro sobre Kafka, a literatura é um caso de relógio que adianta. Não é nossa intenção neste trabalho demonstrar de que maneira *On the Road* influenciou a formação da cultura jovem, isto é fato, Bob Dylan, ícone da geração que despontou nos anos 1960–70 é leitor declarado de Kerouac. Não afirmamos aqui que foi o livro de Kerouac sozinho que desencadeou todo o processo. Não. Mas, sem dúvida, muitos jovens no final dos anos 50 e 60 leram *On the Road*, como dissemos anteriormente, o livro se tornou um *best seller*.

Grosso modo, *On the road* conta a história de Sal Paradise e Dean Moriarty, dois amigos que procuram alguma coisa na estrada e não encontram. Não se sabe exatamente o que os dois procuram. Pode ser o pai de Dean, a face velada de Deus, como Kerouac costumava dizer em suas entrevistas, ou simplesmente o “AQUILO” que Dean repete o tempo inteiro. O fato é que não encontram. Não há transcendência na estrada. Cada aventura, cada festa, cada carona, cada viagem, só valem por aquilo que são. A viagem é mais importante que o destino. O narrador está o tempo todo em movimento, nunca para para refletir, trata-se de uma escrita que penetra no leitor por meio dos afetos e não apenas pelo intelecto. Logo nas primeiras páginas, Sal Paradise, o narrador, anuncia:

Além disso, todos os meus amigos nova-iorquinos estavam numa viagem baixo-astral, naquele pesadelo negativista de combater o sistema, citando suas tediosas razões literárias, psicanalíticas ou políticas, enquanto Dean simplesmente mergulhava nessa mesma sociedade. Faminto de pão e amor; e ele estava pouco se lixando pra tudo isso, “desde que eu descole uma gata mansa e linda com aquele lugar delicioso entre as pernas, garoto” ou “contanto que eu arranje o que comer, meu filho, sacou? Estou com fome, morrendo de fome, vamos comer, agora, já!” – e lá íamos nós comer, no primeiro lugar que surgisse, como diz o Eclesiastes: “Eis sua porção sob o sol”. (KEROUAC, 2004, p. 27-28)

Como podemos notar no fragmento acima, o herói do romance esbanja vivacidade, alegria, juventude. Enquanto os amigos nova-iorquinos do narrador estavam numa viagem baixo-astral, num pesadelo negativista de combater o sistema citando razões literárias, psicanalíticas ou políticas, Dean Moriarty simplesmente vivia, faminto, e a fome é uma função fisiológica, de pão e de amor. Querendo apenas conseguir uma garota mansa e linda com aquele lugar delicioso entre as pernas. Contra o pensamento dito “espiritual” Dean Moriarty opõe o sexo. Contra o pessimismo e o baixo-astral, a fome, fome de alimento e de vida. Também para Nietzsche e Deleuze a alegria tem algo de subversivo. Todas as revoluções triunfantes, principalmente em seus primórdios, são festivas.

O trecho acima é apenas um exemplo do quanto o corpo é importante em *On the road*. Existem vários outros. As personagens estão eternamente famintas, comendo. Dean Moriarty sua o tempo inteiro. Cito alguns trechos:

Por volta das três da tarde, depois de uma torta de maçã e um sorvete num bar de beira de estrada, uma mulher parou seu pequeno cupê para mim. (KEROUAC, 2004, p. 32)

Meu Deus, ele está mudado, seus olhos desprendiam raios furiosos quando ele falava sobre coisas que odiava; uma grande e cintilante satisfação os substituía quando ele ficava repentinamente feliz; cada músculo se contraía para viver e partir. (KEROUAC, 2004, p. 147)

Dean simplesmente a ignorou; o que Dean queria agora era comida; perguntou a Jane se havia alguma coisa em casa. (KEROUAC, 2004, p. 180)

Assim como Nietzsche dá um valor imenso à alimentação em *Ecce Homo*, o pessimismo alemão seria somente fruto de uma dieta que abusava da cerveja e das carnes vermelhas, também a ação e a narrativa em Kerouac tem uma estreita relação com a comida e, ainda mais, com a bebida alcoólica e as drogas, mas não nos aprofundaremos mais nestes aspectos aqui.

Outro ponto importante, que não podemos deixar à margem quando tratamos das relações entre o corpo e a literatura de Jack Kerouac, é o envolvimento do autor com a música, mais precisamente com o jazz. Embora em *On the road*, Kerouac ainda não se utilize de sua prosa espontânea - que consistia em estender a frase o máximo possível, improvisando como um músico de jazz -, é fato que o jazz influenciou muito durante a escrita do livro. Além disso, várias cenas ocorrem em boates, aonde as personagens iam

para se perder ao som do ritmo de origem negra. Sobre o jazz e o corpo é preciso dizer mais algumas coisas. Segundo o professor Massimo Canevacci, na introdução ao livro *A cultura da juventude de 1950-1970*, do professor da ECA-USP Waldenyr Caldas, toda a revolução juvenil que viria a desaguar na contracultura nos anos 1960-1970 teve início nos anos 1950, quando os jovens se rebelaram contra a moral vigente e buscaram novas formas de amor, longe da estrutura patriarcal-familiar da sociedade da época. Tal rebelião tem como princípio primeiro a tomada do corpo por meio da música, de uma música que misturava nos Estados Unidos da América, país que neste momento emergia como a maior potência mundial, negros e brancos, homens e mulheres. A música era o jazz. De fato, “parece que a matriz da palavra jazz deriva de “ass”, significando os movimentos ondulatórios e rítmicos de base de coluna que aquela música favorecia e que eram anulados e controlados pela música culta”. (CALDAS, p.13)

De fato, parece que Kerouac faz uso do jazz para se voltar diretamente contra a moral vigente, transformando o corpo, a música, a sensualidade, numa potência revolucionária.

Conclusão

Vimos como a crítica deleuziana à imagem dogmática do pensamento tem Nietzsche como maior aliado. Tal crítica tem por base uma maneira diferente de estabelecer relações entre corpo e pensamento. Para a imagem dogmática, o corpo é um empecilho. Para Nietzsche, assim como para Deleuze, o corpo é o único modo pelo qual é possível pensar. Não há maneira de se pensar fora do corpo. Além disso, o pensador, para a filosofia da representação, busca e ama o verdadeiro, que é concebido como um universal abstrato ligado à ideia do Bem. Para Nietzsche e Deleuze, a verdade é a realização de um valor, muda conforme a perspectiva. A crítica da verdade tem como contrapartida uma apologia da arte. A arte é criação, não se importa com o Bem ou a verdade. O foco na Arte nos levou até Jack Kerouac, um autor que reivindicou o corpo como potência revolucionária e viu em sua aproximação com o jazz e com os músicos negros um meio de questionar a moral vigente. Acreditamos que Kerouac estava certo, desde Charlie Parker, passando por Elvis Presley, o punk, e, mesmo Kurt Cobain, a música tem andado de mãos dadas com a criação dos novos valores, principalmente, valores juvenis.

Bibliografia

CALDAS, Waldenyr. *A cultura da juventude de 1950 a 1970*. São Paulo: Editora Musa, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. São Paulo: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*, Trad. Ruth Joffily e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

_____. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

_____. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

KEROUAC, Jack. *On the road*. London: Penguin Books, 2000.

KEROUAC, Jack. *On the road*. Trad. Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM Editora, 2004.

KEROUAC, Jack. *On the road, o manuscrito original*. Trad. Eduardo Bueno e Lúcia Brito. Porto Alegre: L&PM Editora, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário Silva. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich W. *O Caso Wagner*. Trad. Antonio Carlos Braga e Ciro Mioranza. São Paulo. Editora Escala, 2007.

PLATÃO. *Fédon*. Trad. Miguel Ruas. São Paulo. Editora Martin Claret, 2002.

WILLER, Claudio. *Geração Beat*. Porto Alegre: LP&M, 2009.